

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO. — A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — ERNESTO BIESTER. — FRANCISCO GOMES D'AMORIM — FRANCISCO PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALLO. — FRANCISCO ROMANO GOMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — LUIZ FILIPPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO. — CARLOS JOSE CALDEIRA.

Director

LUIZ AUGUSTO REBELLÓ DA SILVA.

LISBOA: — Anno 35600 rs. — Semestre 13920 rs. — Trimestre 15000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 12. — SABBADO, 22 DE MARÇO DE 1856.

PROVINCÍAS — FRANCO — ANNO 45000 — Semestre 23100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 35000.

SUMMARIO.

A semana santa — Jorge, romance contemporaneo (continuação) — Caridade e gratidão, poesia — Christus Rex, poesia — Grande incendio do bazar chinês em Macau — D. Manuel José Quintana, e a litteratura moderna castelhana (continuação) — Ecce homo — Uma viagem pela litteratura contemporanea. (continuação) — As santas mulheres no sepulchro — Revista Politica — Chronica Semanal — Bibliographia.

GRAVURAS: — O santo sepulchro em Jerusalem, vista interior e exterior — As santas mulheres no sepulchro — Ecce homo — O desamento da Cruz — A partida dos apóstolos.

A SEMANA SANTA.

O CALVARIO.

Consummatum est.

I

As terríveis palavras da agonia extrema acabavam de soar do alto do Calvario!

O Homem-Deus, expirando-lhe a vida nos labios, soltára este brado de suprema angustia: Meu Deus! meu Deus! porque me desamparaste?!

E inclinando a fronte sobre o peito, o espirito voára-lhe aos seios do Eterno Pae!

II

O sol negou a sua luz a esta scena de horror e desolação!

Um manto de trevas envolveu a terra, que, em convulsão íntima, fendeu os montes, fez reuear a torrente dos rios e abriu as sepulturas donde surgiram os mortos.

O véu do templo rasgou-se de alto a baixo.

O deserto emmudeceu de terror; e este silencio solemne foi só quebrado pelos gemidos das agoas do Cedron, que plangentes e lugubres, extorcendo-se em seu leito sinuoso, acordaram os éccos do valle de Josaphat e da gruta de Gethsemani, como outros tantos soluços da natureza no exaspêro de uma tribulação infinita.

Sião, ferida pelos erros de seus filhos, dobrou a fronte, abysmada em tamanha dôr!

III

Tudo está consummado!

O tremendo pacto da redempção foi assellado pelo sangue do Justo nos cimos do Golgotha.

O Filho de Deus padeceru morte opprobriosa pelas culpas dos homens.

Mas a sua morte conquistou o futuro e remiu o passado.

Abriendo os braços sobre o lenho affrontoso, abraçou a humanidade, deixando pender o rosto de encontro ao peito, como para a abençoar.



Interior do Santo Sepulchro, em Jerusalem.

Tudo está consummado!

O Deus que nascêra n'um presepio, expirou sobre um supplicio, porque a sua vida tinha de ser de humildade e exemplo, e a sua morte de expiação.

A sua missão estava cumprida.



Vista Exterior do Santo Sepulchro

A verdadeira moral, a virtude infinita, fez-se martyr para fecundar com o seu sangue uma civilização mais perfeita.

Esta scena, a mais sublime e terrível do drama da sabedoria divina em lucta com o erro e perversidade humana, abre uma nova era á humanidade.

Ante a palavra do Crucificado, que se diffundirá dos cimos da Montanha como a torrente que parte a fertilisar os campos mais aridos e pedregosos, as idéas, os costumes e os homens se transformarão, reconstruindo-se novas sociedades com instituições, cuja excellencia as abraça e fortifique no seio de uma communhão, accete universalmente peio amor e verdade infinita dos seus dogmas.

Não foi só a culpa de Adão que foi lavada com o sangue do Martyr do Golgotha, foi a natureza, o genio, a virtude tornada carne, o homem divino, a divindade encarnada, que abriu as portas de um futuro melhor, que santificou com a sua morte um codigo de sabedoria eterna, que fez refulgir novos horisontes de consolação, de fé e esperança ante as amarguras da alma afflicta.

O Calvario já não é o logar de um supplicio affrontoso, é a baliza que divide dois mundos, o mundo antigo e o mundo moderno; é o ponto de partida de uma idéa que nivela os povos e os reis pelos dictames da dignidade humana, de uma civilização que tudo transformou, de uma palavra que achou éccos em todos os pontos do globo, de uma doutrina que elevou o homem a toda altura da sua excellencia moral.

E a cruz tão pouco é já esse symbolo de ignominia, agora é o emblema de uma religião toda esperança e amor; é o lábaro de uma crença que percorreu victoriosa os quatro pontos do universo, remindo os povos no abraço estreito dos dogmas sacrosantos da fraternidade, e fazendo curvar os potentes da terra pela verdade de seus principios de justiça.

O SEPULCHRO.

Peccatum peccavit, Jerusalem!

I

Um silencio augusto enche a casa do Senhor!

Nem um écco sequer acorda as arcarias gothicas, cujas columnas, alvas e esguias, se perdem no vago das sombras, como ondulações do incenso erguendo-se pela nave do sanctuario.

A escuridão é profunda.

Apenas se percebe a luz tremula e pallida do lampadario que arde em face do altar.

Unica, mas viva, esta luz refulge por entre as trevas que sepultam o templo, como emblema da fé que não se apaga, antes mais recresce em presença da reprodução dos augustos mysterios do grande poema do Evangelho.

Avancemos.

Que noite! que silencio no fundo do sanctuario!

O pavimento treme sob a pressão dos passos.

A baça claridade da lampada reflecte sobre a pedra do Sepulcro que, engravado na rocha, alveja semelhante a um fulgir de esperança no seio do lucto em que se mergulham todos os pensamentos.

A turba ora fervorosamente.

Todas aquellas fronteiras prostradas, o fogo que os abraça, estes perfumes que recendem nos ares, os suspiros que se exhalam do sancto lugar, estas exhortações intimas e inflammadas pelo sopro ardente de uma idéa religiosa, estas lagrimas em extasi, tudo annuncia, tudo assevera que neste lugar se cumpre um mysterio tremendo do grande drama da Redempção.

Um santo terror enche o espirito de mil idéas tristes ao presenciarem esta scena, a que depois de tantos seculos decorridos ainda não poderam tirar toda a sublimidade tradicional!

É nestes momentos de revelação intima que o homem sente em si todo o calor e elevação dessa scintilla de um fogo divino, e que soltando-a das suas cadêas terrenas, alliviando-a de todo o fardo das miserias humanas, se eleva nas verdadeiras contemplanções do Ser Infinito.

II

Mas uns sons graves e plangentes quebram a mudez que os éccos mais longiquos respeitam!

Uma harmonia melancolica, como a voz chorosa da alma que suspira de saudade, turba o repouso do recinto augusto!

O cantico do sacerdote se faz ouvir, voando pelas abobadas; e todos escutam aquella musica solemne, que parece fallar á alma mesmo nos maiores arrojados da sua elevação, e cujos accents patheticos transmittiu aos christãos o povo hebreu.

É a voz dos prophetas que chora as desgraças da rainha das gentes.

É Jeremias que, sentado sobre as ruínas de Jerusalem, lamenta a sorte a que a levaram os seus vícios e impiedades.

Silencio! que a filha de Sião meditando na sua desgraça, inclina a fronte suspirando, e viua da sua gloria, escuta a exprobração do homem de Deus, correndo-lhe dos olhos dois fios de lagrimas.

III

Como assim está solitaria e deserta uma cidade ainda ha pouco tão cheia de povo! Chegou a ser como viuva, a senhora das gentes: geme triste a rainha das nações sujeita ao tributo dos estranhos!

Chorou sem cessar durante a noite, e as lagrimas correram-lhe pelas faces, outr'ora rubras pelos folguedos da prostituição. Não ha quem a console entre todos os seus amados! Todos os seus amigos lhe voltaram costas, e os inimigos cospem-lhe no rosto em signal de zombaria.

As ruas de Sião gemem em silencio, porque não ha quem venha ás solemidades: todas as suas portas estão abatidas; os seus sacerdotes pranteam; e as suas virgens esqualidas soluçam oppressas de amargura!

Os seus adversarios assenhorearam-se della, e enriqueceram-se os seus inimigos; porque o Senhor fallou contra ella pela multidão de suas iniquidades: os seus filhos foram arrastados ao captiveiro entre os apupos e es-carneos dos que a attribulavam!

E desterrou-se da filha de Sião toda a formosura! Os seus principes ficaram sendo como carneiros que não acham pastagens, e os seus templos expoliados de suas riquezas, são como prostibulos que ninguem visita!

Jerusalem commetteu um grande peccado! Por isso a sua gloria se apagou como a luz impellida pelo vento do deserto, e os seus dias foram contados como os de uma condemnada ao supplicio.

Todo o seu povo está gemendo e mendigando o pão. Os sarcasmos e as chufas dos estranhos chovem sobre elle, como a chuva de fogo sobre as cidades reprovadas.

Como, no seu furor, o Senhor reduziu ao silencio dos sepulcros a formosa filha de Sião!

A virgem de Judá passou escrava e humilhada a outro paiz.

Vê, Senhor, o vilipendio a que estou reduzida!

Ó vós todos que passaes pelo caminho, attendei e vêde se ha dôr semelhante á minha dôr!

IV

Assim cantava o sacerdote, e aquellas exprobrações sentidas do propheta pareciam atravessar o lapso dos seculos e virem gravar-se na face das gerações presentes.

SURREXIT!

Alleluia! alleluia! alleluia!

I

Mas que vivido fulgor rompe por entre as naves do templo?

Que vozes são estas? Que canticos se ouvem das alturas?

A terra estremeceu!

O sepulchro está aberto!

O centurião, que o guardava, cabiu deslumbrado pelo esplendor da magestade summa.

Sobre a lapida, que jaz abatida, vê-se um anjo cuja face resplandece como o relampago, e de tão niveas vestes que o seu alvor cega.

Surgiu o Eterno!

A sua gloria infinita derramou-se por todos os angulos da terra.

O côro dos archanjos encheu os ares de hymnos festivos que foram respondidos em jubilo por todos os quatro pontos cardeaes.

Paz á terra e gloria aos ceus, é o brado que enche os corações de alegria e que abate os filhos do erro.

As prophcias estão cumpridas em toda a sua verdade de inspiração divina.

La do cimo do Golgotha soou o perdão.

A humanidade por elle resgatada já tem aberto o caminho do céu pela esperança.

A promessa do Eterno foi cumprida.

II

Porém, o sepulchro lá está, como o symbolo da verdade mais irrefragavel que jámais se derramou no mundo!

Nunca pedra alguma cá da terra se tornou fundamento de tão colossal edificio!

Nunca doutrina, sepultada depois de tres dias ou de tres seculos, quebrou mais victoriosamente o rochedo com que a mão do homem intentára esmagal-a, e deu um desmentido mais solemne, mais positivo e irrevogavel da verdade de seus dogmas e excellencia de seus exemplos!

Nunca tumulo algum foi mais fecundo!

Alli existe uma das fontes mysteriosas da religião mais vasta e fructificadora que, depois de dois mil annos, tem corrido pelo universo partindo das montanhas de Galiléa.

É aquella uma das suas origens, aquella pedra singella e tosea, mettida na cavidade de uma rocha!

Foi d'alli que partiu o grande acontecimento que transformou o mundo moral e o mundo politico, e cuja percursão se ergueu ás espheras mais elevadas das idéas.

É finalmente aquella lousa como o ultimo poder que fundamentou mais fortemente e assellou o christianismo! manancial obscuro que rebentou n'um estabulo de Bethlem; gotta de agua imperceptivel brotada das rochas de Nazareth, que um raio de sol teria secado logo, e que depois, como o Oceano dos espiritos, irrompeu pelas obstinações mais impias, cobriu de suas aguas o abysmo da incredulidade humana e banhou com a sua onda sempre crescente, sempre espumante e alterosa o passado, o presente e o porvir!

Prostremo-nos diante de tantos prodigios!

Com a face no chão, adoremos o Filho de Deus, a Virtude Infinita, a Magestade summa, o Martyr da montanha, o Justo por excellencia, o Mestre, o Christo!

ANDRADE FERREIRA.

JORGE.

ROMANCE CONTEMPORANEO.

(Continuado do n.º 11).

XI

Georgina (era este o seu nome) vinha em vestuario proprio de montar a cavallo. Regular de altura, o seu corpo tinha a perfeição de formas, graça, e flexibilidade propria mais das peninsulares, que das mulheres do norte. Esta condição vinha-lhe de sua mãe, que era portugueza e senhora de extraordinaria formosura.

O cabelo quasi tocando em preto-basto, excessivamente fino, e anelado, posto em modestos bandós, dava realce á alvura do rosto um pouco tirante pallido. A cabeça pequena como a das estatuas gregas. Sobranceiras curvas, negras, e correctamento desenhadas, tinham certa mobilidade que augmentava o interesse da physionomia.

Os olhos garços, franjados de bastas e assedadas pestanas, junto á insinuante vivura dos olhos peninsulares, tinham demais a modesta e suave expressão que transparece no olhar das formosuras ossianicas.

Não tendo pizadas as olheiras, percebia-se comtudo fugindo nas palpebras inferiores a côr sympathica da violeta.

Nas faces aveludadas as rosas não eram constantes, de ordinario desvanecidas, affluíam á mais leve sensação transparecendo como a luz que reflecte atravez de uma lampada de alabastro, e á qual se augmenta ou diminue a intensidade.

A boca pequena, e graciosa, os labios vermelhos, como as bagas da romã, quando os entreabria, o sorriso casto deixava apparecer dentes admiraveis.

No resto do semblante descubria-se o azulado das veias atravez da transparente delicadeza da pelle.

Nos olhos sobretudo estava o poder magnetico com que fascinava esta angelica creatura. A vista longa, quando o sentimento a impressionava, dir-se-ia partir direita do in-

timo da alma, e revellar quanto havia de grande ali na abnegação, na ternura, e no amor.

Jorge quando viu Georgina sentira uma comoção totalmente diversa das que até ao momento experimentara na presença de tantas deslumbrantes formosuras, e quando teve de dirigir-se a ella, Mauricio notou que um leve tremor perturbava a voz clara, e firme do seu amigo.

Sir Wiliam apresentara Jorge a sua filha; ella com as lagrimas nos olhos o rubor nas faces, e o sorriso nos labios em que se pintava a gratidão mais viva, agradecia ao mancebo o favor sem preço que lhe devia. Este pela primeira vez na sua vida quiz responder, e as palavras quasi que lhe espiravam na garganta.

Depois de breve dialogo, desceram, montaram a cavallo, e partiram.

Georgina ia montada n'uma egoa lazã de raça. O seu corpo esbelto, airoso, e flexivel, parecia suspenso como por encanto sobre o dorso do finissimo e docil animal.

As rosas vinham agora afrontando as suas faces candidas; os olhos animavam-se d'aquella chama suave que é o reflexo da alma virgem de tribulações, e isempta de peccados.

O dialogo entre ella e Jorge havia sido animado. Em harmonia com a extranha e fascinadora formosura da joven ingleza, a voz tinha aquella accentuação fresca, sonora, argentina, e vibrante, que dá a cada uma das palavras irresistivel encanto.

Na luz do sol, na pureza do firmamento, no suave aroma que respirava da vegetação do park onde estavam, Jorge achava encantos até alli desconhecidos para elle.

Esta, como aura de felicidade, que em certos instantes da vida perpassa pelo nosso espirito, que parte de mysteriosa origem, e nos revela as delicias de um mundo desconhecido; isto que não é ontra cousa mais que, o sentimento do amor intrinseco, ideal, unico, e sublime que vem tomar posse da alma, annunciando-lhe outra alma irmã no seio da qual encontre a ternura que suavisa o soffrimento, a paixão que exalta os prazeres, o fogo que alimenta, e engrandece o espirito; experimentava-o Jorge contemplando a physionomia de Georgina.

O sol desmaiava por entre as arvores do park, os passaros improvisavam a sua languida, e melancolica canção do despedir do dia, a briza um pouco fresca siciava brandamente arrepiando a superficie espelhada dos lagos.

Uma vaga sombra de tristeza perturbou a fronte da ingleza até ali radiante de felicidade. Jorge, depois de alguns momentos de silencio, perguntou-lhe o que tinha.

Ella olhou para elle, e d'ali a um instante disse:

—Tenho pena de que se acabe este dia.

Por outra vez ainda, o mancebo quiz responder, e não pôde.

Georgina cravou os olhos no chão.

Oito dias depois d'este agradável passeio, Jorge recebeu nm bilhete de sir William com estas palavras:

«Eu, e minha filha, vamos passar uma temporada na nossa casa de campo em ** se as distracções da cidade não prendem demasiadamente os nossos amigos, sernos-hia summamente agradável, que acudissem a fazernos companhia por alguns dias.»

Mauricio estava ao pé de Jorge. Um singular sorriso adejava pelos labios do original amigo do nosso heroe.

Continúa.

BULHÃO PATO.

CARIDADE E GRATIDÃO.

RECITADA NO REAL THEATRO DE S. CARLOS SABBADO 13 DO CORRENTE EM BENEFICIO DOS ORPHÃOS DO ALGARVE.

I

Das relvas na densa alômbra,
Ao verde abrigo do ulmeiro,
Que sobre inquieto ribeiro,
Inclina o mysterio e a sombra,

Flor que a modestia resume,
Cresce a violeta singella;
E o que vale só revella
Pelo nativo perfume.

Tal, em segredo, consola
A virtude bemfazeja,
Que mais perfuma e floreja,
No conforto que na esmolla;

Tal faz a provida mão,
Que, escondida, sabe ver
Em cada angustia um dever,
Em cada afflicto um irmão.

Este auxilio protector, —
Segundo o sancto preceito, —
Só se sente, pelo effeito,
Como, pelo aroma, a flôr.

Mas não basta muitas vezes
Esse ignoto beneficio:
Subir deve o sacrificio,
Quando sobem os revéses.

Não brilha só, na humildade,
Do fraterno amor a idéa;
Não é menor, se pompêa
Nas festas da caridade.

Ao mavioso som dos cantos,
Do lustre aos vivos clarões,
Vibram muitos corações,
Muitas mãos enchugam prantos.
Englobam-se aureas parcelas
N'um conjuncto de esplendores
Como a noute esconde as flores,
O sol esconde as estrellas.

É bello, é nobre, é christão,—
E Deus na terra o abençoá!—
Depor das artes a c'róa
Nas aras do coração.

Justifica-se a grandeza,
Sabe melhor a existencia,
Quando o festim da oppulencia
Leva um sorriso á pobreza.

Em torno do humilde lar,
Que um grato dom fortalece,
É cada bocca uma prece,
É cada peito um altar.

Qual festa jamais valeu
Aplausos taes e taes palmas?
É bastante para as almas,
E dá sobras para o Ceu.

II

Em torrentes o Ceu, em furia o oceano,
O sólo ameaçam na voraz tormenta;
De dia para dia cresce o damno,
De hora em hora uma dor outra accrescenta.

Convulsa, exhausta, na agonia intensa
A terra treme do diluvio novo;
É mar de vagas a planura immensa,
Rios de pranto os olhos são de um povo.

As ondas bravas, remetendo a pino,
Estallam nos parceis as duras quilhas;
E na praia alagada, já sem tino,
Alçam as mãos esposas, mães, e filhas.

No alto do monte o lavrador perdido,
Por entre a cerração, contempla... e chora!...
Vendo affundir, no campo submergido,
O colmo e o lar, que o turbilhão devora.

O fertil patrimonio, que amou tanto,
Tornou-se um areal, occiosa herdade:
Debalde busca ali se quer um canto
Em que possa abrigar uma saudade!

Troncos lascados, confundidos tectos,
Toldam lagos que foram ja campinas;
E o vendaval, que varre os mil objectos,
Go'as ruinas faz inda outras ruinas!

O remedio, as espraças, os suóres,
Tudo vai na maré, que os plainos cobre:
Um mal faz antever males maiores;
O pobre não tem pão, o rico é pobre!

As cidades vacillam delirantes,
Nas raizes de pedra sacudidas;
Corre a turba a implorar, com ais cortantes,
Socorro ás almas inda mais que ás vidas.

Para remate d'este quadro infando,
Lívido espectro, que se abraça á fome,
Colhendo o que a miséria andou lavrando,
Percorre os povos, que entre luctos some.

Inteira uma provincia devastada
Quasi sem voz, e quasi já sem norte,
De tantos infortunios aterrada,
Por extremo favor espera a morte!...

III

Não, irmãos! Irmãos contaes!
Tende fé na nossa estrella.
Segue a bonança á procella,
E o conforto a lances taes:
Ha corações generosos!
Quando lagrimas, sentidas
Deslisam d'olhos formosos,
Sam em perlas convertidas.

Na beneficente alliança,
Como a pomba da arca antiga,
Santa Providencia amiga,
Vos leva o ramo da espraça.
Quanto mais se exalta o mal

Mais se exalta o sentimento:
Soando a voz fraternal
Ninguém falta ao chamamento.

Além dos extensos mares
O amor da patria é fecundo;
Não esquece o novo mundo,
Na angustia, os paternos lares.
Aqui, por mãos melindrosas,
Sempre abertas á desdita,
Mostram as almas piedosas
A caridade infinita.

Honra pois, honra e louvor
A quem sabe, docemente,
O leito nú do indigente
Dourar d'um raio de amor! —
Fallou singella a verdade
Em nome d'um povo irmão:
É tributo á caridade
Peja voz da gratidão.

MENDES LEAL JUNIOR.

CHRITUS REX.

I

Eil-o, ao Golgotha vai, suando em bagas
O orvalho da agonia.
Já pelos rubros labios de cem chagas
Saúda o novo dia!

A purpura real leva cingida
Por derradeira affronta.
Sobem-n'ó á cruz. Despede-se da vida...
E á liberdade aponta!

Partiram-se as algemas n'este empenho
Á humanidade inteira:
A serra é pedestal, é haste o lenho,
E a purpura bandeira!

É bandeira, que esplendida voltêa
No pincaro sagrado:
É symbolo, mysterio, sancta idea
Do mundo resgatado!

II

Ave, Christo! Christo rei,
Que, no throno da montanha,
Á custa de dôr tamanha
Proclamaste a nova lei.
Foi cumprida até ás métras
A palavra dos prophetas!
« Pelo mundo penarei. »
Tinhas dicto; e, n'esta scena,
Te rendeste á dura pena:
Avê, Christo: Christo rei!

Nobre herdeiro de Judá,
Accitaste n'essa herança
Aquella flor d'esperança,
Que no mundo não se dá
Era do céu, d'onde veio,
Ahrigaste-a no teu seio
E, para fructo ser já,
Deixaste, no extremo aballo,
Até ao fundo rasgal-o,
Nobre herdeiro de Judá!

Das rozas de Jerichó
Foste vergontea florida
Soffreste. Deixaste á vida
O que era da vida—o pó!
Nas miserias do Calvario
Dever quizeste um sudario
A piedoso, alheio dó!
Para ser do mundo a estrella,
Murchou-se a roza mais bella
Das rozas de Jerichó!

O signal da Redempção
Deste no soffrer supremo
Que exemplo! Teu brado extremo
Foi um brado de perdão.
O ferro da crua lança
Abriu a porta de alliança
No exgotado coração;
Dos algozes o delirio
Fez do lenho do martyrio
O signal da Redempção.

O mundo já livre é:
Nem hade mais ser vendido:
Porque do sangue vertido
Forte se faz toda a fé:
E esse sangue, espadanado

Do divino aberto lado,
Diz á terra: « espera e cre! »
São só de amor estes laços
Do martyr nos róticos braços
O mundo já livre é!

III

Que faz, n'este holocausto venerando
Das nações o clamor?
Irá no pó dos seculos medrando
O verbo do Senhor.

A cruz será nas provas da constancia
Raio de um novo sol;
E brilhará nas trevas da ignorancia
Como eterno pharol.

E em vão, cruzando o raio, a vaga irada
Vai bater-lhe ao sopé,
Como o fogo da Vesta fabulada,
Arde o lume da fé.

Multiplica-se a cruz: cobre a cidade,
O campo, e a serra agreste;
Levanta-se onde avulta a humanidade,
No loiro... e no cypreste!

Sóbe do colmo á cúpula preclara:
No universo discorre:
Peleja e marcha; marcha e nunca pára;
Padece; mas não morre!

MENDES LEAL.

GRANDE INCENDIO DO BAZAR CHINEZ
EM MACAU.

No mesmo dia em que se publicava, no numero 9 deste jornal, a conclusão d'um artigo sobre os actuaes melhoramentos de Macau, nos chegava a noticia de conside-ráveis desastres ali occorridos. Tal é a instabilidade da fortuna!

Em 4 de Janeiro pelas duas horas da tarde, manifestou-se fogo no centro do bazar, ou bairro chinês, n'uma loja ou botica, como lá dizem. O vento norte, que sopra-va rijo, espalhou-o rapidamente: ás 5 horas rondou para leste, e algum tempo depois voltou ao norte, o que fez com que as chammass avançassem em todas as direcções. O incendio durou até ás 11 do dia seguinte.

Arderam umas 1:500 casas entre grandes e pequenas, incluindo mais de 600 lojas. As propriedades e valores perdidos sobem a mais de um milhão de patacas, ou para cima de 1:000 contos. Houve tambem alguma perda de vidas.

As 7 horas da tarde do mesmo dia, outro fogo se manifestou em sitio afastado do bazar, n'uma especie de pequena doca, onde estavam fechados uns 100 *tancars*, ou botes chinezes, que serviam de habitação a mulheres publicas chins. Em poucos minutos tudo ardeu, e d'aquellas infelizes morreram 17, mulheres e creanças. O resto salvou-se difficilmente através d'um postigo que conseguiram abrir na porto da doca, que estava cerrada á chave.

As auctoridades, e força militar de mar e terra, e todos os cidadãos de Macau, trabalharam quanto puderam para atalhar o incendio, e evitar os roubos e desordens que sempre em taes occasiões pratica a população chinesa. Tambem prestaram valiosos auxilios as guarnições das fragatas francezas *Virginie* e *Constantine*, que estavam surtas no porto.

Os melhores meios e os mais bem dirigidos esforços para atalhar na China fogos semelhantes, são afinal pouco efficazes. O bazar ou bairro chinês de Macau, é um labyrintho de ruas e de casas, mais estreito, tortuoso e complicado do que o nosos bairro d'Alfama. Em varias partes são apenas corredores cobertos de esteiras, por onde os viandantes com difficuldade podem transitar. As casas são muito frageis, construidas na maior parte de madeira. Em taes circumstancias quasi o unico remedio de terminar um incendio, é derrubar todas as propriedades que se lhe avizinham, ao que os chins sempre repugnam.

Estes successos são mui frequentes na China, principalmente nas provincias meridionaes, onde os edificios são quasi todos de madeira. Contribue para isto o costume de fumar continuamente, o haver em todas as casas sempre lume para preparar chá e a pouca precaução e ordem que o chin tem no lar domestico.

Quando os incendios se manifestam, o que mais se teme são os ladrões, que apparecem immediatamente. Sob o pretexto de apagar o fogo, de proposito augmentam a confusão, introduzem-se em toda a parte, e parecendo querer salvar das chammass os objectos ameaçados, roubam-os. É um verdadeiro saque.

O primeiro cuidado dos que são victimas d'um incendio, é impedir que o publico venha em seu socorro, e despejar a casa quanto antes. Fazem o mesmo os vizinhos do predio incendiado; porque os ladrões, com o pretexto de atalhar os progressos do fogo, derrubam as casas, e arrebatam-lhe os materiaes, quando não acham outra coisa que roubar. Com taes auxiliares é facil imaginar quão fataes são os incendios no celeste imperio, e que bastam

algumas horas para que desapareçam centenas de casas.

Poucas providencias publicas ha na China contra os fogos. Comtudo em varias cidades ha nas ruas principaes grandes cuvas de madeira, sempre cheias d'agua, e uma especie de companhia de bombeiros. As bombas chinezas funcionam quasi como as nossas, porém são muito mais imperfeitas: chamam-lhes *chui-lung* ou *yang-lung*, dragão aquatico ou dragão marinho. Tambem de noute ha vigias ou *serenos*, que percorrem as ruas, a dois e dois, para manter a tranquillidade publica, e avisar dos incendios. Param com intervallos em diferentes sitios, e tendo feito soar tres vezes o *tamtam* ou prato de bronze, gritam entoados: *leschan, les-hia, sião-sinto*; que quer dizer: sentido com o fogo nas lojas e nos andares.

Nas cidades onde ha estas providencias, quando se manifestam fogos, os mandarins concorrem logo, acompanhados dos seus agentes e de tropas, para reprimir a populaça, que, por instincto, está sempre disposta a transformar-se em feroz bando de ladrões. Mas, nem sempre o conseguem; porque a plebe chinesa, assim como é, nos tempos normaes, a mais subjeita e humilde á auctoridade, nas occasiões de perturbação torna-se indomavel, destruidora e cruel, a ponto de não parecer o mesmo povo.

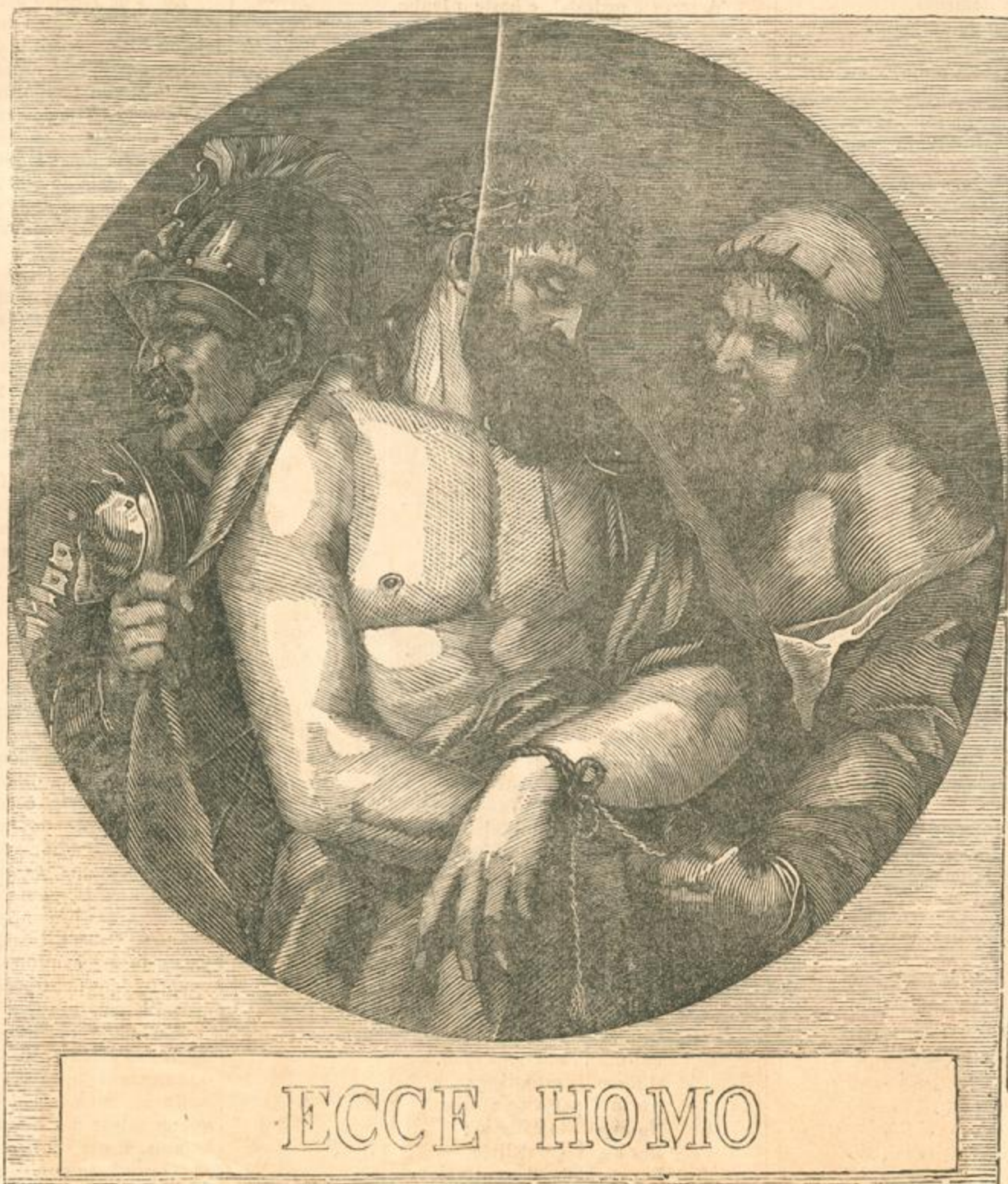
O que, porém, é mais que tudo notavel nos incendios do reino do meio, é a maravilhosa actividade com que os chins, logo depois do fogo, começam a reconstruir os edificios destruidos. Os pedreiros e os carpinteiros, principiam a trabalhar, por assim dizer, sobre o solo ainda fumegante. De ordinario não são os mesmos proprietarios que reconstruem. Esses ficam quasi sempre de todo arruinados, e nunca mais apparecem.

O ardor do commercio e das especulações é tal na China, que á mesma hora que o fogo devora as casas, se apresentam muitas vezes compradores para os terrenos em que estavam construidas, e não é raro assignarem-se contractos de venda á luz dos incendios. O solo limpa-se como por encanto, e é de costume ir lançar o entulho no lugar que occupava a casa onde começou o fogo. A lei castiga d'este modo o que se supõe culpado por sua negligencia. No recinto das cidades chinezas encontram-se com frequencia grandes montões de entulho, que tem esta causa.

Na viagem que fiz á China, residi alguns dias na cidade de Cantão, onde presenciei um incendio. Em poucas horas arderam 200 casas, que de noite vistas do rio



As Santas Mulheres no Sepulchro.



ECCE HOMO

envolvidas n'um vasto turbilhão de fogo, formavam o mais horrivel e ao mesmo tempo o mais sublime espectáculo, d'este genero, que tenho presenciado. D'ahi a poucos mezes quasi de todo tinham desaparecido os vestigios d'es-

te desastre; tão rapida fôra a reconstrucção dos predios destruidos.

Segundo estas noções podemos felizmente esperar que a grande catastrophe que Macau acaba de padecer, ha de sanar com muito mais brevidade do que se poderá antever, discorrendo ao nosso modo euporeu.

C. J. CALDEIRA.

D. MANUEL JOSÉ QUINTANA, E A LITTERATURA MODERNA CASTELHANA.]

(Continuado do n.º 11.)

O gongorismo era uma exaggeração do espirito. Ora a historia accusa e a razão o persuade que as exaggerações da intelligencia e da sociedade só abdicam diante das exaggerações que lhes são radicalmente contrapostas. O despotismo não entrega quasi nunca o sceptro nas mãos da monarchia moderada. A tyrannia que é a anarchia das leis pela vontade de um só homem, succede a anarchia popular, que é a tyrannia da liberdade pelo capricho de muitos homens. Nas grandes revoluções, n'estas que são para a moderna liberdade, como o descobrimento da America para a moderna civilização, é preciso que venha a anarchia semear, e regar com sangue os germens de paz e de liberdade nacional.

Ao gongorismo que é a exaggeração dos ornatos poeticos, devia succeder uma epocha de avarenta sobriedade. Gongora engalanára e enfeitára a poesia com as mais affeminadas garridices e com os mais custosos diches feminis. O Parnaso restaurado, no seu ardor de corrigir as tresloucadas pompas da imaginação, levou nas suas leis sumptuarias a simplicidade até á desnudez, e a naturalidade até proximo da rudeza. A escola proscripta prodigalisou as imagens. Os vates regenerados cortaram-n'as como uma perigosa tentação, e como uma licença de mau exemplo. A escola condemnada voára tão alto, que se esquecêra da terra, a escola nova rastejou tão baixo que roçou quasi sempre na proza mais desornada e mais commum.

O prosaismo foi a primeira correcção ao estylo gongorico. O genero dydascalico que não é mais do que o raciocinio rimado, a erudicção metrificada; o apólogo, que tem por condição essencial a clareza do estylo e o plebeismo da dicção; o epigramma e a satyra, que só pedem á poesia que lhes doure os dardos empeçonhados; a ecloga, onde as mais das vezes o tom sentencioso e a dissertação moral afugentam a poesia do sentimento e as suaves melodias do coração, todos estes generos, em que a razão,

descrevendo, ou enumerando, tão a meudo se divorcia da imaginação, resumiram quasi exclusivamente as tentativas dos poetas que reagiam entre as asiaticas magnificencias do estylo, e contra as morbidas produções dos engenhos exaltados e cerebrinos.

Iriarte é o poeta de mais vulto na lucta dos que então cultivaram as musas castelhanas. Mas ás prendas de erudição e de talento com que a natureza o favorecera, não corresponderam os dotes da phantasia, e esta luz divina do verdadeiro estro, que distingue do poeta o rimador elegante e harmonioso; que separa o orador do persuasivo dialectico; que marca com o sello da originalidade e de graça inimitavel a esta pequena raça dos artistas no meio da inimitavel multidão dos homens de talento.

O poema da *Musica* foi uma das manifestações do engenho de Iriarte. Pôr as musas a soldo da sciencia, e a phantasia ao soldo da razão, foi desde antigos tempos, o empenho dos que pertendiam disfarçar a agrura das verdades moraes, ou a aridez do ensino scientifico nas pompas e nos encantos da palavra harmoniosa. Mas os poemas didacticos são para a poesia o que as decorações theatraes são para a verdadeira e inspirada arte dos pintores.

De que se metrificou uma chronica, e se rimou um trecho historial, não ha-de concluir-se que se urdiu uma epopéa. Porque os preceitos de uma arte se facilitaram para a memoria na cadencia de versos elegantes, não se dirá que o positivo da arte pôde nunca alliar-se intimamente ao ideal e ao phantastico da verdadeira poesia. O poema dydascalico ou ha de satisfazer á razão, e desacreditar-se perante as musas, ou curvar-se diante d'ellas, para não ter nem o positivo da razão nem o caprichoso da phantasia.

No poema de *Iriarte* só a forma é poetica, porque o fundo, prosaico e limitado, lhe imprime os caracteres de um verdadeiro tractado musical. A *Eneida* traduzida em castelhano, attesta em Iriarte um hom peculio de erudição latina, mas demonstra ao mesmo tempo que se pôde, como o diz Quintana, comprehender e explicar em versos correctos e sonoros o pensamento de um grande poema, sem passar para a versão a sua elegancia e poesia.

O livro mais caracteristico e mais inspirado que Iriarte produziu, é o das *Fabulas litterarias*, que ainda hoje se celebram e se applaudem entre os cultores da boa erudição e poesia. Mas o monumento mais valioso que Iriarte legou do seu engenho, demonstra ao mesmo tempo a inferioridade do seu estro, e a decadencia a que, apesar da reacção contra os gongoristas, chegára a vivaz e impetuosa muza castelhana. O apólogo é um genero de poesia que exige mais espirito do que inspiração. Como todos os poemas do genero moral, a simplicidade é o seu enfeite, a naturalidade o seu condão, uma certa sinceridade popular o seu chiste e a sua recommendação. A poesia castelhana tendo por uma das mais viçosas palmas um livrinho de apólogos, caíra da magestade antiga dos seus lyricos, da grandeza effeminada dos seus poetas culturanistas, na modestia e quasi plebeismo das fabulas moraes. Com este favor concedido a este genero de poemas, provava a poesia dominante duas verdades que deviam pungir aos zelosos admiradores da antiga poesia nacional — a primeira, que o prosaismo, em que degenera a simpleza dos apólogos, invadira com arrogancia os dominios da imaginação; a segunda, que Lafontaine, intimava pela sua parte aos hespanhoes, como Racine e Corneille o haviam feito á scena castelhana, a dictadura victoriosa da imitação franceza.

Dos poetas que por este tempo floresceram, applicando á cultura das lettras a mesma sobriedade de imagina-

ção com que Iriarte as cultivára, o mais notavel foi sem duvida Samaniego, que nas suas *Fabulas morales*, não sómente continuou á poesia castelhana o caracter por assim dizer plebeo e vulgar que lhe imprimira a reacção, senão que até tomou escrupulosamente por modelo ao auctor do poema da *Musica*, e das *Fabulas litterarias*. O dogma e os principios fundamentaes em que se firmava a nova escola poetica, estão claramente formulados n'um trecho, em que Samaniego, realçando os talentos e exagerando as excellencias do estylo de seu mestre, reduz a poesia a não ser mais que a exposição metrica de coisas naturaes, singellas e de tal sorte claras e communs, que qualquer, ao lê-las, possa sentir-se igualmente inspirado para as dizer e versificar.

Pero si vas marchando por el llano
Cantandonos en verso castillano
Cosas claras, sencillas, naturales,
Y todas ellas tales
Que aun aquél que no entiende poesia
Dice: «Eso yo tambien me lo diria;»
Porque no he de imitar-te?

Apesar, porém, d'esta solemne declaração, a *carta constitucional* do Parnaso hespanhol, assim formulada por Samaniego, achou n'elle o primeiro infractor. O proposito firme de seguir, na imitação, o rastro poetico de Iriarte, não foi tão convicto ou tão sincero, que o auctor das *Fabulas morales*, o gracioso imitador de Lafontaine, não offendesse a modesta simpleza do apólogo, com repetidos e esmerados toques e reflexões de verdadeira poesia, e que excedendo em donaire e colorido, ao vate que tomára por modelo, não fossem as suas fabulas havidas até hoje por uma das mais felizes produções do engenho hespanhol.

Qualquer que seja, porém, o merito de Samaniego e

de Iriarte, uma litteratura não pode dizer-se florescente e opulenta, quando offerece por mais gloriosos florões da sua coroa poetica alguns poemas que mais pedem erudição e raciocinio do que verdadeira e original inspiração. Os imitadores e sectarios da escola autorizada por Samaniego e Iriarte, os cultores d'este estylo desornado, por tal forma interpretaram em rigor os preceitos e os exemplos dos patriarchas d'esta religião poetica, que as modestas joyas e adornos que aquelles dois haviam deixado as musas hespanholas, lh'os foram cerceando; e por tal maneira as andaram destorcendo, que, já quasi perdida a cor e a formosura pelo desalinho em que as traziam, viriam a esquecer de todo o ideal, se lhes não accudisse um poeta verdadeiramente digno dos aureos tempos da poesia castelhana.

Não eram metrificadores, como D. Francisco de Salas, que haviam, apesar do merito das suas obras, salvar a poesia dos ataques do prosaismo; não era a versão castelhana da *Heroida* de Pope por D. Vicente Santibanes, que havia de restituir ás musas esta difficil proporção de ornato e de simpleza, em que reside o bello nas artes de imaginação; não era um engenho festivo mas vulgar como o do marquez de Uvina, quem n'um poema burlesco, n'esta especie de prostituição e de sacrilegio do talento, havia de continuar a antiga tradição da poesia castelhana.

A gloria de fazer ouvir antes de Quintana os castos e genuinos accordes da antiga lyra dos Garcilasos, dos Leon e dos Herreras, estava reservada ao celebrado auctor da ecloga de *Batilo*.

D. João Melendez Valdéz, foi o poeta que preparou a verdadeira restauração da poesia castelhana, e o que antecedeu a Quintana no culto orthodoxo das camenas, esclareceu pelo conselho e pelo exemplo a senda gloriosa que este ultimo devia percorrer.

Habituaado par uma rigorosa e bem dirigida educação litteraria a discernir e apreciar as bellezas poeticas da antiguidade classica, podia sobre a firme e solida base da boa erudição, soltar os vóos á phantasia sem incorrer nas deploraveis aberrações da escola gongorista.

Continúa

J. M. LATINO COELHO.

O trabalho é o melhor remedio contra muitas enfermidades da alma.

Dos animaes ferozes o mais temivel é um tyranno; dos domesticos o peor um lisongeiro.

ECCE HOMO!

Eil-o o Justo, o rei do mundo, o filho de Deus na varanda do pretorio, lacerao de crueis açoutes, com a purpura de irrisão ensopada em sangue, com os espinhos d'essa coroa que depois herdaram d'elle tantos martyrs da verdade, e com a canna verde na mão, sceptro de escarneo, e de opprobrio!

Eil-a, a victima paciente e immaculada, alvo das affrontas de uma plebe vilissima, e de soldados e verdugos ferozes, que unido á crueza a zombaria, ajoelhavam diante d'elle, e entre mofas bradavam, ferindo-o: «salve, rei dos Judeus!»

Neste estado lastimoso é que Pilatos apresentou Christo ao povo do alto da galleria, que ligava com o seu paicio á cidadella 'Antonia' passando porcima de elevados arcos. Cuidando abrandar os inimigos de Jesus, o magistrado romano sahio com elle assim á janella do tribunal, e exclamando — *ecce homo!* — eis o homem! apontou para as feridas dos açoutes, e para o sangue, que manava em fio das faces e do corpo golpeado! Mas em vez de os enternecer, esta vista assanhou ainda mais contra o innocente o odio dos seus accusadores, e a turba inspirada por elles respondeu a Poncio, redobrando as vozerias, e clamando unanime: *cruxifica-o, cruxifica-o!*



O descimento da Cruz

O procurador, indignado, mas sempre tímido e fraco, redarguiu então: «Cruxificai-o vós. Eu não lhe acho crime!» As suspeitas, que os amotinados lançavam sobre a sua fidelidade amoleceram-lhe a vontade. O homem tremou, e o juiz trahiu a verdade. Quiz antes a morte do innocente sobre a sua memoria, do que o desagrado do tyranno exaltando um acto de justiça. Assustado e vacillante procura debalde escapar ao remorso, e ao mesmo tempo contentar o crime.

Todo o processo de Jesus, como este incidente barbaresco, respira nullidade em referencia á lei moysaica, e em relação ao direito penal romano.

As tres regras estabelecidas no Pentateuco, as tres bases capitais do processo crime dos Judeus — a publicidade do julgamento, a livre e plena defesa do accusado, e as garantias contra a maldade das testemunhas — foram violadas desde a primeira até á ultima sem respeito nem decoro.

O texto hebreu exigia para a prova do facto pelo menos o depoimento conforme de duas, ou tres testemunhas juradas; e se em virtude de miudo exame os juizes conheciam, que algumas d'ellas havia trahido a verdade, o calumniador ficava logo incurso na mesma pena, que motivaria ao innocente.

O que vemos, porem, na causa memoravel, que levou ao Golgotha o Salvador dos homens?

O senado, quebrando a lei, reunindo-se em conciliabulo de conspiração com os sacerdotes e phariseus, e mandando prender a Christo, não em virtude de accusação e julgamento, como tribunal, mas pelas secretas deliberações do odio pessoal, e de um pacto infame, empregando o dolo e a corrupção, e suspendendo a acção natural da justiça.

Judas, o traidor que vendera o Mestre por uma quantia vil, entrou no horto de Gethsemani seguido de um tropel de gente armada de espadas e varapaus, enviado pelos pontífices e senadores, e deu o signal ajustado para a entrega, que era um beijo na face de Christo. É por isso, que Jesus, virando-se para aquella plebe, que o cercava em tumulto com archotes, lanternas, e armas, lhes disse adiantando-se: «Como se eu fóra um ladrão viestes armados de espadas e paus? Todos os dias me tinheis assentado e ensinando no meio de vós no templo, porque me não buscastes lá?»

A prisão fez-se tumultuariamente, como a busca, e sem ordem de Pilatos. Os agentes e ministros d'ella eram os quadrilheiros dos pontífices, em tropel furioso e descomposto, que dava o caracter violento de assuada manifestação á diligencia. Todas as formalidades se preteriram; e desde este momento em diante começou não o processo, mas a serie de escandalos e attentados, que remata no assassinio juridico, auctorizado por Pilatos.

Apenas manietaram a Jesus, os emissarios dos seus inimigos arrastaram-o entre baldões a casa de Anaz, o que era desprezar abertamente o preceito da lei, porque Anaz, não exercendo então auctoridade, não tinha outra competencia para o accusado lhe ser trazido, senão o ser sogro de Caiphaz, e como tal seu cúmplice na vingança contra o Justo.

A disposição do codigo penal hebreu prohibia que os actos do processo corresse depois de cerrada a noite, e durante ella. Que importa?

Prezo e amarrado, como um malfeitor, e no meio de gentalha e de servos, o Salvador é conduzido ao palacio do summo sacerdote, e na morada particular d'elle padece mil ultrages e vexações. A turba pagã, que o cerca, sabe que não será punida, e não se cansa de cevar a sua maldade. Vendam os olhos a Christo, escarnecem-o, e molestando-o vilmente na face, gritam-lhe: advinha quem te deu!

Assim, em vez de proteger o accusado, a lei trahida pelos executores é calcada aos pés dos soldados e quadrilheiros; e o senado, consentidor, prostergando as suas obrigações sagradas, entrega o preso á ferocidade de homens rudes e cruéis!

Quando julgaram, que os tractos e opprobrios eram sufficientes, os principes dos sacerdotes, scribas, e anciãos, mandaram trazer o Christo á sua presença, e começaram o interrogatorio, reinando ainda as trevas, porque o gallo cantára havia pouco ainda. Alem disso, Caiphaz que os presidia na qualidade de pontífice eleito, era o proprio, que nos conciliabulos tinha dito contra o Messias: «não será melhor, que um homem morra pelo povo, do que toda a nação se arrisque por sua causa?» A imparcialidade do Juiz já se vê d'aqui o que podia significar!

Era noite, e estava-se na solemnidade da Pascoa, em que se contavam ferias divinas para os tribunales, sob pena de nullidade. Que vale isso? A perda do Nazareno fóra decretada, e as apparencias, com que procuram mascarar o homicidio premeditado, são sómente novas injurias á magestade da justiça.

Em vez de interrogar o accusado sobre actos determinados e circumstancias positivas, as perguntas do sacerdote recaem sobre factos geraes, inquerindo-o acerca de seus discipulos, que deviam ser chamados a depor, e acerca da sua doutrina, pregada nos logares publicos, e na qual nunca tinham podido achar crime.

A replica do Salvador é admiravel pela sabedoria e pela dignidade: «Fallei publicamente deante de todos; ensinei sempre na sinagoga e no templo, aonde concorriam os judeus; nunca fallei em segredo. Porque me in-

terrogas a mim? Pergunta aos que me ouviram. Abi os tens, elles sabem o que ensinei.»

Ainda não havia acabado, e já a mão infame de um quadrilheiro lhe descarregava uma bofetada, exclamando: «respondes assim ao pontífice?» Deste modo fazia respeitar o tribunal a defessa do accusado, e o seu proprio decoro, permittindo violencias desta gravidade sem as reprimir. Eis a livre e plena defessa ordenada no Pentateuco, mas commentada pelos phariseus!

Jesus não se atterra com a affronta. «Se fallei mal, prova-o, disse elle ao sicario; se bem, porque me feres?»

Razão invencivel. Os accusadores deviam provar o delicto, e convencer-o d'elle. E tal era a sua evidencia, que os inimigos do Messias conheceram, que não podiam prescindir desta formalidade, e tractaram logo de a fingir; mas por mais que excogitassem, não inventaram contra Christo testemunho bastante para justificar a applicação da pena de morte.

Havia de certo muitos depoimentos falsos, mas não concordavam; e mesmo aos olhos dos conspiradores não constituíam prova sufficiente para córar uma sentença capital.

Foi então, que o summo sacerdote levantando-se no meio da assemblea, e interrogando a Jesus, exclamou: «não respondes ao que attestam contra ti? Por Deus Vivo te conjuro, que nos diga se és o Christo, Filho do Senhor?»

«O Messias redarguiu serenamente: «tu o disseste!» Rasgando então as vestes com ira theatral, o principe dos sacerdotes bradou para os assistentes: «Blasphemou! Que necessidade temos ainda de testemunhas? Não acabas de o ouvir? O que decidis?»

«É digno da morte!» replicaram os juizes.

Apenas a decisão se ouviu redobraram contra Jesus as cruzas e violencias. Uns cuspiam-lhe no rosto, outros davam-lhe punhadas, e alguns, esbofetando-o, diziam-lhe por escarneo: «advinha Christo quem te deu!» Eis a scena atroz, que o tribunal consentiu, pintando-se n'ella ao vivo a sua dureza e perversidade. Caiphaz, conspirador, accusador, e juiz, tudo a um tempo, patenteia no interrogatorio e no julgamento a sua raiva insofrida. Arbitro da lei enfurece-se, rasga as vestiduras, quer obrigar o accusado a um juramento prohibido, e contra as disposições expressas da jurisprudencia hebraica ousa asseverar, que Jesus póde ser sentenciado pela declaração propria, e extorquida. No meio dos transportes mais descompostos da sua ira, elle, o ministro de Deus vivo, é o primeiro que vota a pena ultima, e que abusa da sua auctoridade, arrastando consigo o suffragio da maioria!

Pilatos, ao qual se devolveu a causa, porque os judeus lh'a deferiram, por não ter auctoridade o conselho para executar sentenças de morte. Pilatos não foi menos criminoso, do que os conjurados facciosos do Sanhedrin.

O delicto, porque o magistrado de Cesar condemnou a Jesus não era a blasphemia religiosa, pretextada pelo pontífice. Para essa não havia pena nas leis romanas. Mas os phariseus, que o não ignoravam, inverteram com alieve os termos da accusação, e criminalaram o Messias como reo politico de crimes contra o Estado.

«Achámol-o pervertendo a nossa nação, prohibindo o tributo a Cesar; e proclamando-se o Christo-rei!» Sobre esta calumnia visivel edificaram o seu plano, e certos de que o procurador imperial não podia recusar a competencia, tomando conhecimento do delicto, cuidaram de o coagir em nome dos interesses e da soberania de Roma.

Poncio nunca acreditou a inculpação, nem os scribas e phariseus: mas o que o assustava era o falso zelo politico, com que os inimigos do Justo o excitavam, clamando: «Se o soltas não és leal a Cesar!»

Apenas dirigiu a Christo um interrogatorio breve e conciso, o magistrado, penetrando a calumnia e a perfidia dos accusadores, saiu fora, e declarou ao judeus, que não via culpas n'aquelle homem para o condemnar. Era a absolvição publica; e reconhecida assim a innocencia pelo juiz, não havia mais que decidir. Mas como os hypocritas, ardendo em raiva, bradassem: elle subleva o povo desde Galilea até aqui! Pilatos commetteu a fraquesa de remeter o prezo a Herodes, para este o sentenciar, allegando que visto o Nazareno ser Galileo pertencia á jurisdicção do Tetrarcha; O principe, depois de repetir perguntas e instancias, a que o Salvador respondeu sempre com o silencio, tornou a envial-o ao palacio de Poncio, mandando cubrir o reo com uma vestidura branca em signal de escarneo, e indicando assim a nenhuma importancia que ligava ás imputações dos judeus, chimericas, e mais dignas de riso, do que de receio.

O procurador romano desejava salvar o innocente, mas ao mesmo passo temia arriscar o poder e a influencia. Por isso convocando os accusadores, lhes disse: «A este homem não se prova delicto, que mereça morte; portanto vou soltal-o, depois de o castigar.»

Nova illegalidade!

Confessando, que Jesus não commettera crime, e reputando-o innocente, o magistrado violou a lei, mandando-o flagellar. Se estava puro, porque o punia? Se era culpado como o absolveu?

Os tormentos do Écce homo já os circumstanciamos; e Pilatos, sempre tremulo, e menos recto do que ambicioso, coroou todas as suas injustiças sentencando ao supplicio da cruz aquelle mesmo, que chamava justo, e de cujo sangue lavava as mãos, lançando-o sobre a cabeça do

povo, que o havia de expiar dolorosamente pelas lagrimas e magoas de tantas gerações, sem patria e sem altar!

D'esta maneira se concluiu este processo celebre, em que todas as formalidades da lei romana e da moysaica, se acham violadas, prevalecendo o odio de uma seita, e as vozes da plebe amotinada contra a evidencia manifesta da verdade.

Antes de entregar Jesus á vingança dos phariseus, Poncio absolveu-o duas vezes em nome da justiça; e lavando as mãos em pleno pretorio, quando cedia, proclamou a sua coacção, e o assassinio juridico em vez da sentença legal.

A sua consciencia, como a da historica, dizia-lhe comtudo, que a nodosa d'aquelle sangue seria eterna na sua fronte, e na da orgulhosa e endurecida cidade, que em menos de um seculo, depois, caía abrasada e moribunda aos pés de Tião!

L. A. REBELLO DA SILVA.

UMA VIAGEM PELA LITTERATURA

CONTEMPORANEA.

(OFFERECIDA AO SR. A. HERCULANO)

J. S. MENDES LEAL JUNIOR.

Em seguida a estas poesias, appareceudias depois da morte de Carlos Alberto, no Porto, o *Ave Cesar* que é na nossa opinião, o monumento lyrico da nova phalange litteraria, e uma das maiores glorias da coroa poetica de Mendes Leal. Nunca o poeta foi mais inspirado, mais grandioso, mais elevado, mais sublime e mais pathetico. Tudo ali é magnifico, tudo revela o genio. Não podemos resistir ao desejo de a transcrever completa. Citar bellezas separadamente, era-nos impossivel; toda ella é de uma formosura admiravel. Similhante aos cantos de Haydn Mozart, a um grupo de Canova, a um discurso de Bossuet, ás obras primas de qualquer genero, hade lêr-se d'aqui a seculos, com o mesmo sentimento com que se lêem os poemas do Dante, os amores do Tasso, e os versos de Homero.

AVE CEZAR!

A CARLOS ALBERTO.

Eil-o, o teu defensor, ó liberdade!
Eil-o no extremo leito. Á humanidade
O tributo pagou!
Da nobre espada á lamina abraçado,
Viveu soldado-rei—e rei-soldado,
Sobre a espada expirou!

Rasgou-lhe ovante as margens do destino,
Foi-lhe róta, bordão de peregrino
Essa espada leal.
Hoje é cruz! Do aço puro a cruz só resta,
Sentinella da campá ao mundo attesta
Que o heroe era mortal.

Os Oedipos d'um drama, incerto e vario,
Talharam-te na purpura o sudario,
Deixaram-te ermo e só!
Salve, ó Rei! Rei no solio e no abandono,
Mais rei no exilio, do que os reis no throno,
Rei até sobre o pó!

Salve, o martyr coroado
Dos espinhos da paixão,
N'uma nova cruz pregado.
D'uma nova redempção!
O teu Golgotha foi este!
Aqui te cobre um cypreste,
Muita gloria e muita dôr;
Aqui teu marco plantaste,
Vencido, aqui, triumphaste
De ti mesmo vencedor.

O calix já trashedava!
Bebeste-o! Foi Deus que o quiz!
Deu a vida á Italia escrava,
E a sua alma ao seu paiz.
Não dobra a fronte suprema!
Impondo o pé no diadema,
Dos estranhos fôge á lei,
E holocausto derradeiro,
Expia a dôr do guerreiro
Na sepultura do rei!

Foi longa aquella agonia;
Foi curta aquella afflicção:
Desceu rapida n'um dia
Da cabeça ao coração.
Entre as ballas despedidas,
Entre as phalanges caídas,
Ficou tranquillo e de pé,
Como o cedro da montanha
Que da tormenta na sanha
As selvas prostradas vê.

Pela Italia, Hespanha e França
Depois callado, galgou;
E por momentos descança
Onde o mundo lhe faltou.
Chega, observa, scisma e pára!
O soldado de Novara
Quer ter por leito final
Quer por leito das batalhas,
Esse berço de muralhas,
Que fez livre Portugal!

Onde a nossa liberdade
Martyr, heroica nasceu,
Pela sua, a magestade,
Heroica e martyr morreu!
Das glorias tuas, ó Douro,
Accrescentaste o thesouro!
O que é ligando ao que foi,
Cingiu teu braço robusto
D'um heroe ao resto augusto
A memoria d'outro heroe!

Ambos, firmes, combateram,
Para a patria libertar;
Ambos do throno desceram
Para a vida á patria dar!
Ambos reis, ambos soldados,
Ambos fieis a seus fados,
Mostraram que no porvir,
Podem ambos muitas vezes
No triumpho ou nos reveses,
Iguaes da historia surgir.

III

Ferve o sangue, tropeja a batalha;
Tine o ferro, rebomba o canhão,
Pavorosa, sibilla a metralha
Varre as fillas, dispersa-as no chão!
Lá galopam, se imbehem, se enlaçam
Uns nos outros, rivaes esquadrões!
Corpo a corpo — ferventes se abraçam
Em sangrentos crueis turbilhões...

No lampejo do gladio vermelho
Fulge o raio, que a morte vibrou!
Sem seu filho, a gemer deixa um velhó;
Sem esposo, uma esposa deixou!

Dessa immensa procella de guerra,
Desse ardente confuso stridor,
Que ficou? — Uma c'roa por terra;
Uma bella captiva, um senhor!

Pobre Italia, tão bella e tão triste
No teu vasto, florido jardim!
Foi-te ingrata a fortuna! Caiste!
Mas a queda d'um povo tem fim!

Infelizes! — Da turba guerreira
Fica um resto, que prompto a morrer,
Cobre a face c'ó a rota bandeira
Para, ao menos, a affronta não ver.

Mudos prantos os rostos consomem
Dos valentes de Goito. — Que adeus!
Era a sombra de um rei e de um homem,
Que passava em silencio entre os seus!

E passava! Expirar não lograra
Sobre o golpe que, em vão, procurou;
Mas a vida, que o ceu lhe deixára,
Entre os braços da patria a deixou.

IV

Salve, salve, ó magestade,
Muribunda a succumbir!
Como o espinho da saudade
Te havia fundo pungir!

Coimo o homem soffreria
Do monarcha na agonia!
Longe do que era tão seu,
Da esposa e filhos mimosos
E dos campos seus formosos,
E do seu formoso ceu!

« Patria, adeus! Italia minha
« Oh! terra que tanto ameij
« Se te não fiz ser rainha
« Não quiz mais ser rei!

« Adeus, margens do Tessino,
« Sentença do meu destino!
« Adeus povo que escolhi;
« Sê tu livre, e justo e forte;
« Possa dar-te a minha morte;
« O que em vida não venci!»

Assim dizia, e, lançando
Os olhos em derredor,

E vendo, afflicto e chorando,
Outro povo aquella dôr,
Resoluto accrescentára:
« O soldado de Novara
« Morre contente afinal,
« Morre ao ecco das batalhas
« Neste berço de muralhas
« Que fez livre Portugal!

Que podemos agora dizer de tal poesia? Quasi nada. Todos se hão de maravilhar ao lel-a, todos hão de confessar altamente a inspiração lyrica de Mendes Leal, e todos hão de tributar a homenagem devida ao poeta portuguez sempre dedicado a esta terra, que não se esqueceu de resuscitar a par do heroe italiano, o heroe portuguez, a quem Portugal deve a liberdade.

Perdoe-nos Mendes Leal, o homem que escreveu estes versos, será conservador pelos dictames da sua razão mas é também progressista do fundo da alma. Invertendo um dos trechos dessa mesma poesia, diremos que o seu sentimento patriótico

Subiu rapido n'um dia
À mente, do coração.

Alem do merito real que brilha nestas paginas, para immortalisal-a bastava o immenso apreço em que mostrou tel-a um dos chefes da nossa litteratura, recordando-se della com saudade ao pé mesmo da sepultura. Citaremos o facto, exacta e singelamente.

O visconde de Almeida Garrett, no leito da morte, por mais de uma vez pedia a leitura dos trabalhos da nova geração litteraria, consolando-se deste modo ao despedir da vida, com ver os progressos, e julgar o talento dessa mocidade, que lhe deve tanto, e que devéras estimava.

Na vespora daquelle dia de lucto geral para este paiz, instou com o poeta Amorim, de quem foi pae adoptivo e mestre venerado, que lhe velava extremo á cabeceira, que lhe lesse o *Ave Cesar*, de Mendes Leal. Bem solemne e pungente devia ser essa leitura! Uma só pessoa mais a ouviu e é também um espirito distincto. Estamos convencidos que todos imaginarão ao recordal-a, como ella devia ter sido. A todos se lhe humedecem os olhos, lembrando-se da dôr profunda, e das lagrimas tragadas pela commoção, que haviam de suffocar o moço poeta, no momento em que a repetia. Lia-se já no rosto do mestre a sombra da morte que se approximava e divisando-se lhe nos olhos, o prazer indefinido, a gloria intima que lhe illuminava a phisionomia, lembrando-se que tinha sido elle o que primeiro inspirara a imaginação do seu auctor, e rasgára o novo horizonte litterario a este paiz. Ouviu-a attento, silencioso e recolhido. Finda ella, pediu ainda que lh'a repetissem e agradeceu ao amigo a consolação que lhe tinha dado. « Fica um poeta, » disse. O espirito viveu no visconde de Almeida Garrett até á ultima, e esse espirito tinha vinte annos ainda.

O visconde morreu poeta e christão; sonhando as glorias litterarias futuras, e ao mesmo tempo pensando nos ultimos deveres da religião. Vive agora para a posteridade.

Quatro elegias se devem ainda mencionar entre as principaes poesias de Mendes Leal. É a primeira dedicada á memoria da Princeza Amelia, e na nossa opinião é uma das melhores. Aquella vida extinta na flor dos annos commoveu-o, e mais d'um lamento de melodia rara, e de saudosa affectuosidade, lhe saiu do coração. Levanta-se ali o poeta que não se chega aos poderosos da terra para os implorar servilmente; mas que lhes falla seguro de si, e lhes offerece as consolações da musa austera quando os vê prostrados nas dôres da sua humanidade.

Continúa

ERNESTO BIESTER.

AS SANTAS MULHERES NO SEPULCHRO.

Christo, ensinando em Jerusalem, annunciou que depois de morto e sepultado havia de resuscitar ao terceiro dia. Consummado o sacrificio do Homem-Deus na cruz do Golgotha, e depositado no tumulo novo de Joseph de Arimathea, os scribas e phariseus correram ao tribunal de Pilatos, pedindo que se puzessem guardas ao sepulchro para que os discipulos do Nazareno, furtando o corpo, não dissessem depois, que tinha resurgido.

Poncio concedeu-lhes os soldados, que requeriam, e preparou assim a evidencia, que mais temiam. Os hypocritas cuidaram callar para sempre a palavra viva do Messias, e convencer de mentira a eterna verdade, mas os sellos, rompendo-se, e os guardas cahindo, deram testemunho da resurreição pela bocca dos mesmos homens, collocados ali para continuarem o engano, e a maldade.

À hora marcada, um pouco antes de alvorecer o dia, Jesus, deixando o lençol no sepulchro, resuscitou pela sua propria virtude, não quebrando, nem deslocando a pedra, mas penetrando-a pela subtilidade do seu corpo glorioso.

Entretanto as duas Marias, que tinham seguido sempre a Christo desde Galileia, e que assentadas defronte do sepulchro haviam assistido ao seu enterro, recolheram-se á cidade, depois, para acabada a Pascoa, vol-

tarem munidas de unguentos e aromas, e renovarem as unções, ultima prova do seu affecto e veneração á memoria do mestre.

Findo, portanto, o dia sanctificado de sabbado, apenas raiou a aurora, Maria Magdalena, Maria, mãe de Thiago, e Salomé compraram os perfumes, e mal distincto ainda o albor da manhã, encaminharam-se para o sepulchro, perguntando umas ás outras, cheias de perplexidade: « quem tirára a campa que o cobre? »

O seu enleio era natural; mociza e pesada, a pedra exigia o esforço de possantes braços para se levantar. O Senhor, cumprindo a sua promessa removeu, porém, todos os obstaculos. De repente abalou-se a terra com grande tremor, desceu o anjo de Deus, e derrubando a campa, sentou-se em cima d'ella.

O fulgor do relampago resplandecia no seu rosto, e as roupas, que vestia, eram candidas como a neve. Sentindo em roda de si o terremoto, e vendo o mensageiro celeste, os soldados romanos trespassados de terror, ficaram prostrados e sem sentidos.

Em quanto estes prodigios se passavam, as sanctas mulheres chegaram ao sepulchro, e admiradas de acharem a campa caída, encuraram logo de executar o proposito, que as trazia. Mas, entrando, que assombro não foi o seu, quando olharam, e conheceram attonitas que o corpo de Jesus não estava ali!

Sairam, e Magdalena, mais impaciente, separando-se das outras, buscou a Simão Pedro e a João, o discipulo amado, e exclamou: « não sabeis? Levaram o Senhor do sepulchro, e não consta aonde o pizeram! »

Neste meio tempo Maria mãe de Thiago, e Salomé tornavam ao jazigo para confirmar a realidade, e cahiram em grande consternação, logo convertida em temor e espanto, quando, subitamente, lhes appareceram dois homens cobertos de vestes brancas, cuja alvura deslumbrava.

Timidas e confusas as duas baixaram os olhos com pejo, mas o anjo, sentado á direita, na figura de um manco, disse-lhes:

« Não recieis! sei o que procuraes; é Jesus de Nazareth, que foi cruxificado. Mas, porque buscaes entre os mortos a quem vive? Não está aqui, resuscitou, segundo a sua palavra. Lembrae-vos do que vos prometteu, quando ensinava ainda em Galiléa. Hede já, e dizei a seus discipulos, e a Pedro, que Jesus resurgiu ao terceiro dia, e que vai adiante de vós para Galiléa. Lá o vereis. Recordae-vos, de que vol-o annuncio primeiro que succedá. »

Cortadas de susto, e tremulas, as duas fugiram, e entre os transportes da sua allegria pela boa nova, e o assombro das maravilhas presenciadas, levaram sem se deter a grande noticia aos discipulos.

Maria Magdalena, por sua parte, depois de avisar os apóstolos, voltou também ao sepulchro; mas receiosa e maguada ficou de fóra, chorando. Lançando, porem avista casualmente para dentro do jazigo, estremeceu e assustou-se, descobrindo os dois anjos, um á cabeceira, e o outro aos pés, no lugar, em que fóra depositado o corpo de Christo.

Elles disseram-lhe então: « Porque choras, mulher? »

— « Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puzeram, respondeu! Voltando-se no entanto, viu Jesus ao pé de si, mas sem o conhecer.

« Porque choras? perguntou o Mestre. A quem procuras? »

Suppondo-o jardineiro, como inculcava o traje, Maria redarguiu: « Senhor, se tu é que o tirastes, dize onde está, que eu o levarei! »

A estas palavras, que pintavam a dor e o immenso affecto da sua alma, o Salvador replicou, chamando-a pelo seu nome; e ella virando-se, e respondendo: « Mestre?! » reconheceu a Christo.

« Não me toques, observou elle, porque ainda não subi a meu pai; mas procura a meus irmãos, e dize-lhes da minha parte, que vou para o meu e vosso pai, para o meu e vosso Deus! »

Assim premiou Jesus o fervor e a constancia da Magdalena, manifestando-se-lhe primeiro, do que aos outros discipulos. É crença recebida, que antes de todos appareceu á Virgem Sanctissima.

Não ficaram também esquecidas as outras sanctas mulheres. Quando iam no caminho para annunciar aos apóstolos o que mandára o anjo, apresentou-se-lhes Christo repentinamente, exclamando: « Salve! » E chegando-se a elle, e vendo que era o Mestre, prostraram-se, e beijaram-lhe as mãos, adorando-o.

Jesus proseguiu então: « Nada recieis: Dizei a meus irmãos, que vão para a Galileia, que lá me hão de ver! »

L. A. REBELLO DA SILVA.

REVISTA POLITICA.

Uma divisão da esquadra ingleza, estacionada em Kiel á espera de favoravel ensejo do tempo, que com o primeiro degelo desobstruisse a navegação, já desferrou daquelle porto para renovar o bloqueio do Baltico, porque estas operações navaes ficaram excluidas do armistício. Na Criméa os commandantes em chefe, logo que receberam as participações officiaes celebraram uma conferencia por meio dos chefes dos respectivos estados-maiores e suspenderam as hostilidades.

O congresso diplomatico continua as suas sessões.

quem supponha que tem reinado a melhor harmonia entre os plenipotenciarios, não obstante a discussão de pontos graves, ainda que subalternos em relação ás propostas austriacas, pontos que muitos presumem que não se decidirão no actual congresso, e serão objecto de conferencias e de tratados especiaes, como a restituição da praça de Kars e a delimitação das fronteiras russas na Asia, a condição de não fortificar a Russia novamente as ilhas de Aland, e semelhantes questões que poderiam comprehender-se na quinta proposta. Não sabemos como estando ajuramentados os plenipotenciarios para guardar segredo, se dizem nos jornaes tantas cousas acerca do que se passa no gremio de suas reuniões; ainda ha pouco lemos que o conde Orloff interpellara fortemente os representantes da Austria acerca de assumptos relativos á quinta proposta, e que o conde de Buol e seu collega haviam guardado pertinaz silencio; que a Austria estava de accordo com a Turquia em muitos pontos; e assim outras noticias dadas com a segurança de quem está informado dos casos! Cremos, porém, que são meras conjecturas.

Os ministros de França e Inglaterra concorreram n'um jantar a que tinham convidado todo o pessoal da embaixada russa, o que se reputa indício de accordo entre as respectivas potencias.

Adiantando-se a gravidez da imperatriz dos francezes tomam-se já disposições para o festejo publico, no caso de ser feliz o parto. Diz-se que não será Pio IX, apesar dos desejos que tem manifestado de vir a Paris, mas que um cardeal commissioned pelo pontifice fará expressamente aquella jornada afim de ministrar o baptismo ao principe ou princeza. Pelo menos divulgou-se em Paris e Bruxellas este boato.

Á parte a questão da guerra, outras duas occupavam a attenção publica em Inglaterra ultimamente. As desintelligencias com os Estados-Unidos e a nomeação do barão Parke para a camara dos lords.—O gabinete de Washington, interpretando a seu modo o tratado Clayton-Bulwer recusa a decisão por arbitros que fora proposta pelo ministerio britannico: a opinião publica na imprensa e o parlamento em Inglaterra seguem um proceder opposto ao dos norte-americanos; quando estes excitam as paixões contra os inglezes, os filhos da jactanciosa Albion empregam linguagem conciliadora; talvez a importancia fabril de Manchester nos tecidos de algodão influa bastante no comedimento britannico. Comtudo, algumas folhas já annunciam a desintelligencia em caminho de ajuste pacifico.

Não havendo exemplo desde o reinado de Henrique 7.º de se conferir a dignidade de lord, a nomeação vitalicia do magistrado Parker sob o nome de lord Wensleydale levantou contra Palmerston os torys, reputando o facto subversivo das tradições, desprezador do decoro da camara, e opposto á constituição. O ministro defendeu a nomeação pela d'utrina constitucional, que attribue a corôa o direito denomear membros vitalicios para a camara alta, demonstrou que esta precisava para as funções do tribunal de justiça, de ter no seu recinto membros tão distinctos como era o jurisconsulto barão Parker, além de que se premiavam os importantes serviços de um magistrado illustre. Os radicaes apoiavam o ministro, combatendo com energia a absurda opinião dos privilegios de casta no seculo da igualdade civil. Porém, a maioria de 35 votos declarou que mr. Parker não podia tomar assento na camara alta.

M.

CHRONICA SEMANAL

Nesta semana consagrada ao lucto universal da Igreja tambem a nossa alma tem de vestir os crepes que lhe cinge a perda inesperada d'um amigo. E não se admirem os leitores de ver surgir o ramo de cypreste nesta chronica destinada ás palmas festivas. Cada semana é uma porção de tempo, e o tempo que compõe a vida alterná-se de saudades e sorrisos, mais abundantes aquellas do que estes.

Para todos que o conheciam, a noticia da morte de D. Antonio de Menezes, foi bem dolorosa e despertou viva e profunda impressão: para nós foi uma dôr aguda e intima, avivada a cada momento de saudosas recordações. Companheiro da nossa mo-

cidade, entrámos quasi juntos na vida, cheios das mesmas illusões e professando iguaes crenças: crenças e illusões hoje quasi de todo perdidas.

Antonio de Menezes, era uma alma elevada, um espirito superior, um caracter franco e dedicado. Reunia todas as qualidades necessarias que completam o cavalheiro; nobre pelo sangue, era-o tambem nas acções e sentimentos.

Empenhado na lucta de 1846, servio como soldado nas fileiras progressistas, sem nunca ter querido aceitar outro posto, desempenhando os deveres e quinboando os trabalhos dos seus camaradas, sem exigir distincções. Só em frente do perigo conhecia a ambição e pertendia o primeiro lugar. Organização especial affrontava frio e impassivel os lances arriscados, com a mesma indifferença com que se empenhava n'uma contradança.

Casado ha quatro annos com uma senhora que sabe reunir á formosura a distincção, e cuja menor qualidade é a sua antiga nobreza, viveu com ella em reciproco enlevo, completando-lhe a felicidade domestica as caricias de tres filhinhos que adorava, e que tão cedo deixou orphãos. Orphãos tambem ficaram os seus que o estremeciam, e entre elles seu irmão D. João de Menezes, cujo pezar profundo recolhemos nesta hora d'angustia como se recolhe a porção que nos cabe n'uma fraternal amargura.

.....

A ultima semana fechou-se com um beneficio philanthropico, promovido por dois artistas, em favor dos orphãos e viuvias dos habitantes do Algarve, victimas das calamidades que invadiram aquella provincia, e para o qual concorreram os artistas de todas as companhias actualmente installadas em Lisboa. Foi uma noite cheia, em phrase vulgar. Não chegou a ser uma Babel dramatica, mas não esteve longe. Cantou-se em italiano, dialogou-se em francez, declamou-se em portuguez, conversou-se saloio, finalmente satisfizeram-se todos os gostos. Tambem ha-ouveram *entrechats* francezes, *bolero* andaluz, e *piruetta* racionaal. A concorrencia foi immensa; escolhida nos camarotes e mesclada na platéa, onde havia publico dos differentes theatros, levado ali pela curiosidade de ver o effeito que produziam os seus actores predilectos naquella grande scena. Todo o reportorio era já conhecido.

Uma poesia de Mendes Leal, escripta expressamente para aquella noite e intitulada *Caridade e Gratidão*, foi a unica novidade que appareceu. É mais uma mimosa produção do eminente poeta, em quem a fantasia não esmorece nunca, mas parece antes levantar cada vez mais arrojado o vôo, e desta subiu a uma grande altura. Tantas são as bellezas que compõe este trecho lyrico, como o leitor poderá ver neste Jornal onde vem transcripta, que, apesar de ser medioeremente recitado, o publico maravilhou se a ouvir o ecco daquellas melodias sonoras e applaudiu por vezes... o poeta.

Na abertura da Paschoa irá no theatro normal em beneficio do actor Epifanio, o drama do Visconde de Almeida-Garrett, o *Alfageme de Santarem*. Esta escolha honra o artista: é uma homenagem e um culto prestado

á memoria d'aquelle a quem tanto deveu. Estamos convencidos que hade ter um concurso numeroso; assim o drama como o apreço em que é havido o talento do beneficiado são garantias seguras.

A companhia franceza prepara igualmente para esse tempo um drama de Alexandre Dumas, *Le marbrier*, que nos dizem ter sido escolhido por Mr. Luguét para o seu beneficio. O nome do auctor é uma boa recommendação.

Falla-se n'um baile do *Club Lisbonense*. Bemvindo: mais vale tarde que nunca. Este rifão hade achar ecco no coração das nossas elegantes, a quem os pés ardem... de desejos por uma polka e uma walsa.

ERNESTO BIESTER.

BIBLIOGRAPHIA.

OBRAS PUBLICADAS PELO EDITOR DA ILLUSTRÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.—RUA AUREA, 227 E 228.

PANORAMA, semanario de instrucção e litteratura, redigido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 16 columnas de fol., com excellentes gravuras em madeira. Preço por anno, em Lisboa, 1\$300 rs.; semestre, 700 rs.; nas provincias, por anno 1\$570 rs.; semestre 830 rs. Publicou-se o 11.º n.º do 13.º vol., 5.º da presente serie.

UM QUADRO DA VIDA, drama em 5 actos, por Ernesto Biester. 1 vol. 8.º fr. br. 480

VIDA DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO, poa L. A. Rebello da Silva. 2 vol. em 8.º fr. br. 960

Esta excellente obra, saudada com unanime elogio pela imprensa periodica, constitue a primeira parte dos *Fastos da Igreja* do mesmo auctor.

RUDIMENTOS DE ECONOMIA POLITICA para uso das escolas por F. A. Marques Pereira. 1 vol. 8.º fr. 200

ADDIÇÕES AO MANUAL DO TABELLIÃO, por F. V. da S. Barradas. 1 vol. 8.º fr. 200

POESIAS, de L. A. Palmeirim. 2.ª edição augmentada. 1 vol. 8.º fr. br. 600

OS HOMENS DE MARMORE, drama em 5 actos por J. da Silva Mendes Leal Junior. 1 vol. 8.º fr. 480

O HOMEM DE OURO, drama em 3 actos (continuação do antecedente) pelo dito 1 vol. 8.º fr. 300

A CRUZ, drama em 5 actos por Luiz de Vasconcellos 1 vol. 8.º fr. 310

MEMORIAS DE LITTERATURA CONTEMPORANEA, por A. P. Lopes de Mendonça. 1. vol. 8.º fr. br. 720

MEDICINA LEGAL, por Sedillot; traducção do Dr. Lima Leitão. 2.ª edição. 2 vol. 8.º fr. 1\$200

A REDEMPCÃO, comedia drama em 3 actos, por Ernesto Biester, com uma introdução pelo sr. Mendes Leal Junior. 1 vol. oit. fr. rs. 360

NATUREZA DAS COUSAS, poema de T. Lucrecio Caro, trad. do Dr. Lima Leitão. 2 vol. 8.º brox. 300

POESIAS DE M. M. Barbosa de Bocage, edição completa em 6 volumes de 8.º fr. 4\$320

A HERANÇA DO CHANCELLER, comedia em 3 actos, e em verso, por J. S. Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.º francez br. 400

No prelo:

A Mocidade de D. João V. drama em 5 actos, por L. A. R. da Silva, e Ernesto Biester. 1 vol. in 8.º

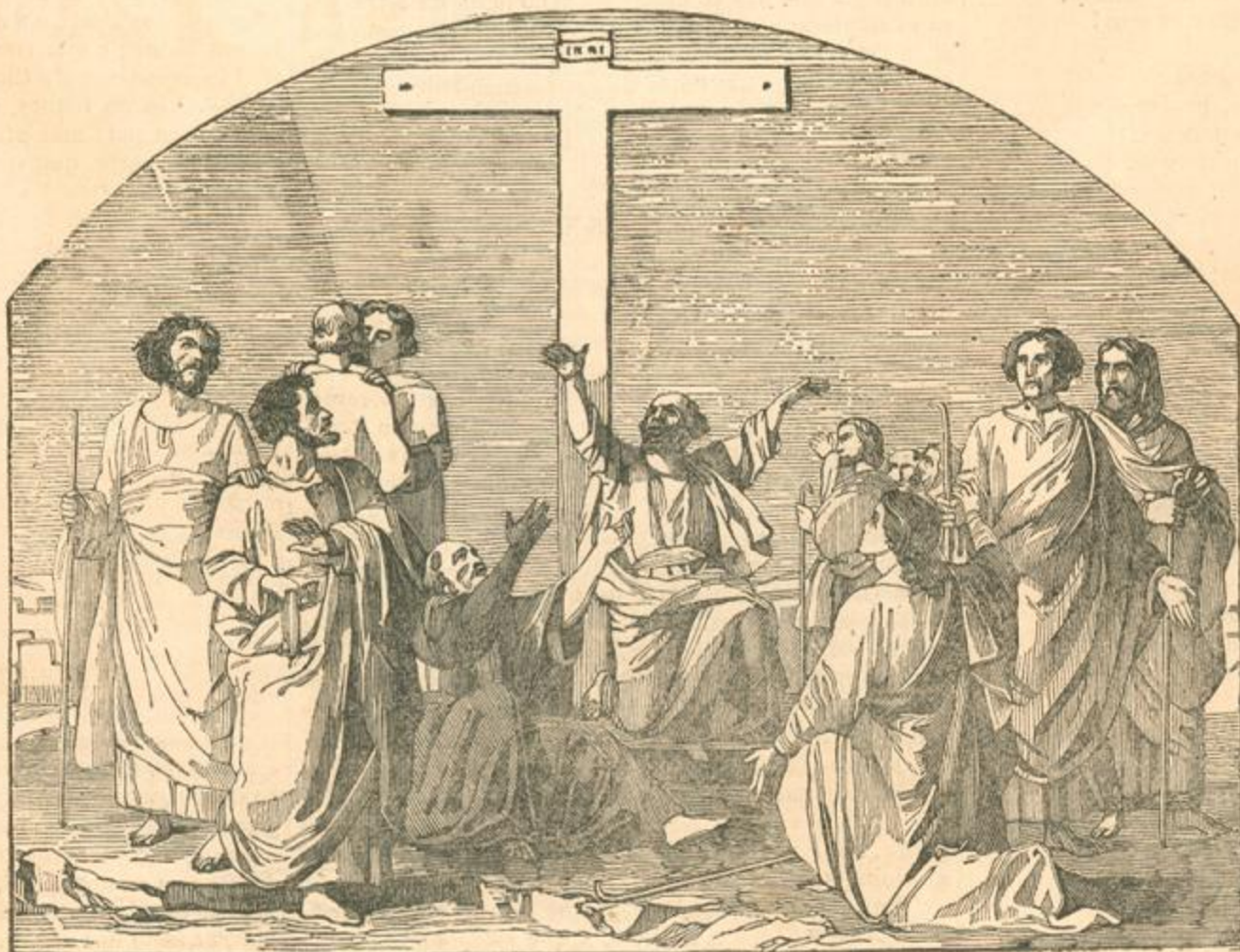
Poesias de J. S. M. Leal. 1 vol. in 8.º

OTHELLO OU O MOURO DE VENEZA, tragedia em 5 actos. Imitação por L. A. Rebello da Silva, 1 vol. in 8.º fr. Preço. 360

AVISO.

Roga-se aos senhores subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.

Typ. DO PANORAMA—Travessa da Victoria, n.º 52.



A parthia dos apóstolos.